

Em 1959, Ferreira Gullar concebeu seu “Poema enterrado”, a que chamou de “o primeiro poema com endereço da literatura mundial”. Nele, o leitor-visitante deveria retirar, um a um, cubos vermelho, verde e branco, um sobre o outro, até encontrar enterrada a “rejuvenesça”. Exigia-se o gesto, o corpo agachado, a coluna curva que pudesse encontrar a palavra. O sentido poético convocava o outro.

A experiência parece ter sido tão radical que fez Gullar se despedir do movimento Neoconcreto. Curiosamente, os poemas espaciais não fizeram escola. Seu processo de síntese entre poesia e artes visuais foi interrompido. Mais adiante, seria o *Poema/processo* um exemplo de movimento que sequestraria o poema do papel ao ponto de transformá-lo numa passeata ou performance coletiva. Também o grupo *Nuvem Cigana* realizaria com as *Artimanhas* uma poética da palavra performada. Apesar disso, a crítica seguia (segue?) mais interessada no cânone do papel, temerosa diante da contaminação que exige outros critérios de análise, o que parece implicar menos espaço de recepção para trabalhos dessa natureza. Poetas podem, devem explorar o espaço expositivo como plataforma de trabalho.

Aqui, no entanto, não veremos desdobramentos diretos da experiência plástica de Gullar, mas casos em que a escrita também se assume como território em expansão, como voz, plasticidade, matéria visual e corpo. Não estamos diante de um panorama geracional ou de uma antologia pretensiosa, é um conjunto de poéticas consideravelmente distintas, que ora recorrem à outras mídias para reforçar e desdobrar a narrativa, ora o fazem para negar a dimensão semântica da linguagem em favor de seu caráter ruidoso, matérico. Muitas delas são fruto da experimentação oferecida pela internet, como é o caso dos trabalhos de Dimitri Rebello, Luca Argel e Reuben da Rocha, além de trabalhos anteriores de Tazio Zambi e Victor Heringer. Outros preferem o campo performático, onde o corpo e a voz contaminam o texto de maneira mais direta, com gestos, cacoetes, fôlego, sendo o contraponto físico da projeção virtual que a internet ofereceu. Isso está presente em Adelaide Ivánova, Lucas Matos, Oficina Experimental de Poesia e também em Dimitri Rebello. Em Victor Heringer, a ausência de palavra ou oralidade assume o gesto como estratégia de linguagem.

Em Érica Zíngano, o vídeo está dentro do texto, em Frederico Klumb, as imagens poéticas acompanham os versos, são casos em que o vídeo aparecerá como aliado narrativo. Já Guilherme Zarvos e João Reynaldo transformam a escrita numa espécie de desenho, fraturando a palavra em busca de seu reconhecimento visual, aproximando-a da imagem. Nesse sentido, é ainda Catarina Lins e Priscila Fizman, Tazio Zambi e Marília Garcia que expandirão ainda mais a experiência espacial da poesia alcançando certo caráter objetual, construindo dispositivos que se assumem como matéria, coisa. Ou, ainda, Carlos Augusto Lima que transforma a materialidade da escrita no seu próprio sistema de circulação, o carimbo. Se o poema recria constantemente o espaço da folha em branco, sua espacialização no mundo reivindica uma totalidade de forma, uma imersão do outro.

É certo que a poesia não é salvaguarda do poema, que existe como estado de percepção do mundo, entre som, sentido, visualidade. Aqui, porém (e Gullar parece o ter percebido, ainda que momentaneamente) a experimentação (sua habilidade transacional) parece garantir algum frescor diante da categoria, alguma juventude.